

Brasil Sagrado, Cruzeiro Celeste, Mistério Terreal – Por Vitor Manuel Adrião

Quarta-feira, Jul 7 2010



Creio ser óbvio que o nome *Brasil*, País maior que um continente, não se deve exclusivamente ao seu pau vermelho ou pau-brasil, o *guara-pytã*, chamado pelos índios de *ybyrá-pitanga*, pois que ele já aparece nos mapas e cartas da Idade Média apesar de assinalado de maneira truncada com muita imaginação e fantasia, o que terá sido feito

propositadamente pelos cartógrafos e cosmógrafos dos séculos XII-XIV ao serviço da Ordem do Templo e sob ordem expressa desta, a fim de proteger e manter secreta a rota do caminho marítimo ou navegação de longo a Ocidente para essa Ilha Venturosa das sagas irlandesas, *Hy-O’Brazil*.

«De facto - diz Pedro Paulo Funari -, nos mapas medievais o mundo conhecido aparecia rodeado de ilhas reais ou imaginárias. Uma delas, a Ilha Brasil, aparece primeiramente situada em um mapa de 1324, a oeste da Irlanda, localização repetida em diversos planisférios posteriores.»¹

O nome *Ínsula Brasil* já era conhecido de há muito, por certo graças à herança documental e cartográfica dos antigos navegadores fenícios e árabes que a Marinha Templária possuiria e depois a Escola Náutica de Sagres ligada à Ordem de Cristo através do Infante D. Henrique, seu Administrador Geral. Com efeito, os cartógrafos medievais destacam nas suas cartas náuticas o nome da terra *Brasil*, como é o caso da Carta de Pizigano, de 1367, do Atla de Andrea Bianco, de 1436, ou da Carta de Bartolomeu Pareto, 1455. Por seu turno, aquando da viagem à Índia do almirante Vasco da Gama, em 1498, ele navegou para Ocidente e ancorou defronte a terra firme e larga, que os historiadores consideram hoje ter sido o Brasil, antes de retomar a marcha para Oriente. Já antes, em 1487 e 1488, Pedro Vaz da Cunha, o “Bizagudo”, e João Fernandes de Andrade navegaram do Golfo da Guiné para o Brasil. Duarte Pacheco Pereira, autor do famoso *Esmeraldo de Situ Orbis*, também para aí se dirigiu várias

vezes antes de Pedro Álvares Cabral em 1500, data oficial da sua Descoberta (vd. a minha *História Secreta do Brasil (Flos Sanctorum Brasiliae)*, Madras Editora, S. Paulo, 2004). Antes de todos esses e segundo Assis Cintra baseado nos escritos do jesuíta Manuel Fialho, o capitão de mar Sancho Brandão, que pertencera à Marinha de Guerra da Ordem do Templo e terá se transferido para a de Cristo, teria chegado numa expedição de reconhecimento à “Ilha perdida do Mar do Ocidente”, mais além das Canárias e apontada como o Brasil, notícia comunicada por D. Afonso IV de Portugal ao Papa Clemente VI em 12 de Fevereiro de 1343 (*St. Brendan’s Search for Paradise, in A brief history of the European Myth of de Garden*. Press American Studies and the University of Virginia, 2001). Muito possivelmente já nos anteriores séculos XII e XIII haveriam navegações de longo no Mar Ocidental à *Ínsula Brasil*, pois esse nome era muito comum nas falas lisboetas do século XIII por ser aplicado para designar os carvoeiros da cidade como os “brasis”, certamente alcunha comparativa entre esses que manuseiam o carvão e o estado sujo, lastimoso em que regressavam à terra aqueles marinheiros de mar alto que a História traz esquecidos.

Com efeito, as mais antigas grafias toponímicas irlandesas - como *Ho Brazile, O’Brazil, Hy-O’Brazil* - demonstram que esse se trata de um nome celta, pertencente ao grupo linguístico celto-gálico falado na Irlanda e no País de Gales. O sentido seria “Terra dos Bem-Aventurados”, “Ilha da Felicidade” e “Terra Prometida”, tanto que a raiz *bras* ou *braz*, em irlandês, significa “nobre, afortunado, feliz, encantado”.

Por seu turno, Felipe Cocuzza explica que «durante a Idade Média, a lendária *Ilha Brasil* povoou a poesia, os mapas, as tradições, as profecias e o folclore. A palavra *brasil* tem duas etimologias convergentes: o germânico *brasa*, que passou ao latim e ao português, de onde veio a designação *pau-brasil*, devido à cor vermelha, e o celta BRAS ou BRES, paralelo ao inglês BLESS que significa “bênção”; prende-se ainda ao hebraico BRACHA (*ch* aspirado, como em alemão), também com o sentido de “bênção”, e ao sânscrito BRAHMA, da raiz BRITH (antes, *Brâh*, donde *Brâ*, *Brî* e *Brith* - V.M.A.), “expandir, irradiar, brilhar”, com o sentido de “Deus, Bênção, Suma Ventura”. Portanto, *Ilha Brasil* quer dizer *Ilha Abençoada*».²

Na mesma direcção etimológica e dando ao *Brasil* encómios apologeticos fazendo-o recuar ao período *Fenício* para justificar o vocábulo, escreveu Moysés Jakubovicz³:

«A região geográfica onde se assenta o *Brasil* é a mais antiga da face da Terra. À época do Dilúvio, o *Brasil* integrava o *País de Ofir*, que significa *País do Fogo*, e, sendo ele situado no Ocidente, a palavra FIR, ou seu anagrama RIF, passou também a significar o *Ocidente*.

«Há cerca de 850 a.C., o Imperador Badezir para aqui se deslocou, trazendo na sua comitiva os filhos gémeos com os nomes de letbaal e letbaal Bel. É dessa época a origem do nome BRASIL, palavra originada do nome do Imperador BADEZIR. Senão, vejamos: *Badezir* é composto de *Bad+Zir*, em que *Bad* é derivação de BAAL, significando o “DEUS PRINCIPAL” dos povos da Ásia Menor; *Zir* é anagrama de ZRI, que no sânscrito significa “SENHOR”. Substituindo-se BAD por seu equivalente BAAL, e fazendo-se a elisão de uma das vogais, o *a*, teremos BALZIR, e trocando-se a posição do *r* por *a*, temos, finalmente, o sagrado nome BRASIL, equivalente do nome JEOVÁ.»

Ambos os autores, particularmente o primeiro, terão consultado a obra de Gustavo Barroso, *Aquém da Atlântida*, quando escreve:

«O nome *Brasil* surge na Geografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sul-americana banhada pelo Atlântico. O nome *Brasil* teria evoluído de vários nomes, como: Bracil, Barzil, Braçur, etc. Braxilis, O-Brasilis, O-Brasil e, afinal, Brasail, Hy-Brasail. Estas últimas designações são irlandesas. Na opinião de Alf Torp e de Moltk Moe, tal palavra veio da raiz céltica *Bress*, que implica a ideia de bênção e significa boa sorte ou prosperidade, de onde veio o verbo “to bless”, abençoar. Assim, o nome irlandês corresponde, em suma, ao que os antigos davam às Canárias - *Afortunadas*. A crença na existência de terras venturosas do lado do Ocidente é antiquíssima. A ideia é longínqua e pertinaz na tradição dos povos, todos cream numa Idade de Ouro, em tempos idos, em terras de além. A região, ou Ilha Brasil, se identificaria com as “Ilhas Afortunadas”, “Ilha dos Bem-Aventurados”, o “Imago Mundi” de Pedro D’Ailly, “Ilha dos Felizes”, etc. É indubitavelmente mais velho que o nosso país o nome que lhe deram. Capristano de Abreu admitia esse ponto. E sente-se que ele não nasceu da cor de brasa do pau da tinturaria tão famoso. Southey escreveu: «Entre vários povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada chamada Brasil».

Por seu lado, o professor Batalha Gouveia, que pessoalmente considero o maior etimologista português dos tempos modernos, igualmente faz o levantamento apurado do nome *Brasil*, acabando por encontrar-se com os dois autores brasileiros citados quanto à sacralidade do sentido último do nome da Pátria Gémea de Portugal⁴:

«Numerosos têm sido os investigadores toponimistas, não só nacionais como estrangeiros, que já se debruçaram sobre o nome da Pátria-Irmã. O arqueólogo norte-americano Cyrus Gordon aventou, recentemente, a hipótese do nome *Brasil* derivar do cananeu e hebraico *Brazel*, significativo de “ferro”. Por sua vez, o eminente historiador brasileiro Pedro Calmon aponta o germanismo *braezelen* como a palavra matriz das variantes portuguesas *brasa* e *brasil*.

«Interessado também neste tema, não se me levará a mal que refira a minha teoria fundamentada, tão-somente, nos aspectos lexicais do nome em exame.

«O vocábulo *brasil* já era usado na nossa língua antes da descoberta da «Terra do Cruzeiro do Sul». Num foral datado de 1377 referente à portagem de Lisboa, lê-se, entre outras coisas, o seguinte: «... e de brasil que trouxerem ou levarem, tanto os vizinhos como os que não são vizinhos, pagam dízima». Este “Brasil” a que se refere o foral é, indubitavelmente, uma palavra sinónima da actual “brasido”, uma espécie de carvão miúdo.

«No Brasil chama-se “pau-brasil” a uma espécie arvense da família das leguminosas, também ali conhecida por *ibirapitanga*, *muirapiranga*, *sapão*, *pau-rosado*, *pau de Pernambuco*, etc. De madeira avermelhada e flor amarela, a *ibirapitanga* chega a atingir 30 metros de altura. Quase desaparecida da floresta brasileira, ainda sobrevivem exemplares no litoral de Paraíba e do Estado do Rio, principalmente no Cabo Frio e na mata da Tijuca em pleno Distrito Federal.

«João de Barros deplorou que chamassem ao Novo Mundo, Brasil e não Santa Cruz. Frei Vicente do Salvador, com iguais escrúpulos religiosos, descreve assim o pau-brasil: «Tanto que começou a vir o pau vermelho chamado brasil... da cor abrasada e vermelha com que tingem os panos».

«Decorre do exposto que o nome *Brasil*, por estar conotado com uma espécie botânica, tem necessariamente de conter algo que diga respeito à árvore, como na realidade assim acontece.

«Certas religiões pagãs faziam da árvore objecto de culto. Os semitas, nomeadamente os sírios e os árabes, haviam concebido a árvore como a morada de um ser sobre-humano, uma espécie de santo (*uéli*) sepultado sob as suas raízes. A árvore encontra-se, pois, imbuída da vida e dos poderes extraordinários do génio.

«Para os indo-europeus, a árvore simboliza a “Deusa-Mãe”, a *Mater* (donde os vocábulos portugueses *matéria*, *madeira* e *mãe*) *Divina*, sendo como tal idolatrada.

«Surge assim no horizonte das primitivas formações teonímicas a palavra *Ura*, com a dupla significação de “árvore” e “mãe divina”. O páredro de *Ura* era *Ur*, nome dado ao touro então considerado como a personificação do Sol. *Ur* e *Ura* metaplasmassem-se no latim *Uir* e *Uira*, encerrando o primeiro o sentido de “homem forte”, e o segundo, obviamente, “mulher forte”.

«Os tradutores latinos da Bíblia verteram o nome hebraico *Isha*, significativo de “mulher varonil”, para *Uirago*, depois *Virago*. Contudo este nome não se conservou, sendo substituído por *Eva* que, segundo a Bíblia, quer dizer “mãe de todos os viventes”.

«*Ura*, a divina árvore e hipóstase da Deusa-Mãe, devido ao fenómeno fonética da permuta da vibrante *r* na líquida *l* entrou no dialecto dórico sob a prolação *úlâ*, que no jónico se dizia *úlê*, com o sentido de “árvore”. Na área linguística mediterrânica o jónico *úlê* sofreu a sibilização da vogal inicial passando a soar *súlê*, voz que ao entrar no Lácio se grafou *syl*, depois *sil*. O fenómeno da sibilização mediterrânica do *u* primitivo das palavras gregas é igualmente exemplificado com os temas *uper/super*, *upo/sub*, etc.

«*Sil* é, indubitavelmente, o segundo termo incorporado no topónimo *Brasil*. Vejamos agora o primeiro, isto é, *bra*.

«Nos séculos imediatamente anteriores ao advento do Cristianismo houve um idioma semítico que se impôs aos outros na área sírio-palestiniana influenciando, naturalmente, os falares dos ilhéus do Mediterrâneo Oriental. Refiro-me ao aramaico, língua falada por Jesus Cristo a ajuizar das expressões por ele empregadas: *Talita cummi* (menina levanta-te), *El oi, El oi, lama sabastani?* (Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?), etc.

«A palavra aramaica significativa de “filho” - *bar* - foi anteposta ao supradito tema *sil*, “árvore”, o que originou o composto *barsil* a que a metátese transformou na dicção arcaica portuguesa *brasil*.

«O *Filho da Deusa-Mãe*, ou da *Mater*, só pode ser aquele que no mais alto do céu a todos nos contempla, o *anho* (do latim *ignis*, “fogo”) de Deus imolado na Vera ou Santa Cruz, madeiro esse que congrega todos os brasileiros em torno do Cristo Redentor.

«Santa Maria, a Padroeira de Portugal, teve no Brasil o lugar apropriado para dar à luz o Unigénito do Senhor. Este poderoso elo místico conservará sempre ligadas as duas pátrias atlânticas.»

Era a essa *Mariz Nostra in Coelis et Terris in Filius et Spirito Sanctu*, que os abnegados missionários do sertão brasileiro, em nome de Jesus e São Francisco, oravam, juntamente com os Tupis que em tal reconheciam a *Jacy Tupã Iracy*, “a Lua e o Sol esplendorosos”. O Espírito era o mesmo, só os fonemas mudavam...

TUPI:

Anuê Jacy recê tynycembae.

Ndê irúnamo ndê lára recó.

Imombeúcatupyram reicó cunhã sui.

Imombeúcatúpyrambe ndê membyra, Tupã!

PORTUGUÊS:

Avé Maria, cheia de graça.

O Senhor é contigo.

Bendita sois entre as mulheres.

Bendito é o fruto do teu ventre, Jesus!

Tudo isso conduz-me de imediato à *Virgem Negra*, Orago do Brasil, *N.ª S.ª Aparecida*. Conta a lenda hagiográfica que na segunda quinzena de Outubro de 1717 (número do biorritmo de Portugal, Arcano “As Estrelas” ou “A Imortalidade”, e ano em que se fundou, reinando D. João V, na vila de Mafra, no caminho para Sintra, a Real Basílica de St.º António do Espírito Santo consagrada ao V Império Universal, com destaque para a “Nova Lusitânia”, o Brasil, assim consignado por Pedro de Mariz na sua obra seiscentista, *Diálogos de Vária História*) passou pela vila de Guaratinguetá, em viagem para Minas Gerais, o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, Governador de São Paulo. A Câmara local programou um banquete em honra do Conde. Para isso, convocou os pescadores e ordenou-lhes que trouxessem todos os peixes que pudessem pescar para o banquete do Governador.

Os pescadores, dentre eles Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, lançaram as suas redes no rio Paraíba do Sul durante várias horas, sem sucesso. A certa altura, João Alves, ao lançar a rede, retirou o corpo de uma imagem sem cabeça. Em seguida, lançada a rede novamente, encontraram a cabeça da imagem. Surpresos, lançaram a rede pela terceira vez e a pescaria foi tanta que puderem encher as suas canoas. Significa isto, para além da lenda no imediatismo dos factos, ser a imagem criação possível de uma Confraria piscatória e, desde logo, o seu culto propagado como o da Mater Navegante - *Stella Maris* - cuja função é idêntica àquela outra *N.ª Sr.ª da Esperança* trazida por Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

Continuando a narrativa, os pescadores ao limparem a imagem concluíram que se tratava de Nossa Senhora da Conceição (*Conceptione*, a Concepção Alquímica do espesso em húmido e deste em ígneo - assinalado no *Cruziat* ou *Cruzeiro* celeste), de cor escura (símbolo da semente oculta no ventre da Terra, neste caso, no seio das Águas Genesíacas, certamente de uma Nova Idade que haverá de dar os seus e bons frutos). João Alves envolveu-a

cuidadosamente num pano e guardou-a. Felipe Pedroso levou a imagem para sua casa, em Lourenço de Sá, onde ela permaneceu por cerca de seis anos. Depois, em Ponta Alta, ficou por mais nove anos. Em Itaguaçu, passou a imagem para o filho Atanásio Pedroso, que lhe construiu uma capela e a colocou num altar de madeira. Nesse lugar Nossa Senhora passou a receber a devoção do povo, relatando-se os primeiros milagres.

Em 1745 dedicaram-lhe uma capela no Morro dos Coqueiros, à margem do rio Paraíba, onde passou a ser chamada de *Aparecida*, dando origem à cidade do mesmo nome. Em 1888 a capela foi substituída por outra, maior. Em 1904 foi realizada a coroação da imagem e em 1908 o Santuário foi elevado à categoria de Basílica pelo Papa Pio X. Como Santuário Nacional, esse templo católico é hoje o maior pólo de atracção de romeiros de todo o Brasil.



Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil

Sendo a Senhora da Conceição uma Virgem Negra, no contexto da sociedade rural medieval era uma deusa agrícola expressiva da Grande Deus Mãe Primordial, cujo culto tinha honras maiores que ao Deus Filho, por ser Ela a origem da Fé, e assim mesmo da Natureza fecunda de que dependiam os povos, Dizer-se que a Padroeira do Brasil estava velada sob as águas, significa que é uma Deusa Oculta, Negra, o que é representado na Lua aos seus pés como Matriz da Criação cujas fases regulavam e regulam os períodos agrários de sementeira e colheita.

A cor negra da Virgem é a mesma primordial apontando o Grande Útero da Vida gerada nele e a ele, no final da existência, a mesma Vida se recolhe. Por isso a Grande Mãe, com o seu potencial de gestação e geração, possibilita todas as manifestações, transformações e

evoluções da Vida, a qual recolhe a si no final de cada manifestação, seja ela a de um homem ou a de um mundo. Razão porque personifica a *Magna Dea*, a Grande Deusa, *Maha-Shakti* para o Oriente, a Força Vital que gera, mantém, anima e unifica, e sendo Ela o Oceano da Vida conduz aos seres imersos nas suas correntes através dos movimentos das suas Águas da Vida, donde ser apelidada da *Conceição* ou *Concepção*, sobreposta à Lua crescente que, como astro da noite ou do negro, representativo do *Caos* ou *Noite Cósmica*, o mesmo *Pralaya* das teogonias do Oriente, assiste aos ciclos de vida e morte de todos os seres. O período de existência destes vem a ser o *Cosmos* ou *Dia Cósmico*, *Manvantara* para os orientais, marcado pela cor branca e a Lua Cheia, para todos os efeitos, antecedido pelo negro primordial.

Outro aspecto a destacar na Virgem Negra são os seus milagres, em momentos históricos precisos. Tais milagres têm sempre a ver com a vida e a morte, o que reporta à transformação, individualização, libertação e despertar num ciclo novo, marcado pela passagem definitiva do Brasil indígena ao Brasil cristão.

Por outro lado, tanto no século XVIII brasileiro como no período medieval coincidentes com a aparição de qualquer Virgem Negra, houve sempre uma reactivação social, artística e cultural no seio da sociedade pela aproximação mútua do Ocidente e Oriente, e assim mesmo uma irrupção do elemento feminino, não só com o culto mariano mas também de forma idealizada no amor cortês, apesar das grandes discussões dos teóricos escolásticos sobre a Natureza, a carne e o pecado, a alma e a virtude, semeando uma improdutiva disfunção entre o Espírito e a Matéria que chegou aos nossos dias.

Posto tudo dito, posso agora transpor o nome *Brasil* para o hebraico BRSL, com a interpretação: “O Lugar Elevado de Deus Pai e Mãe”. De maneira que o próprio Lugar ou Trono expressará o Filho, assim se perfazendo a Santíssima Trindade ou *Trimurti* na Terra Eleita que é o próprio *Brasil*.

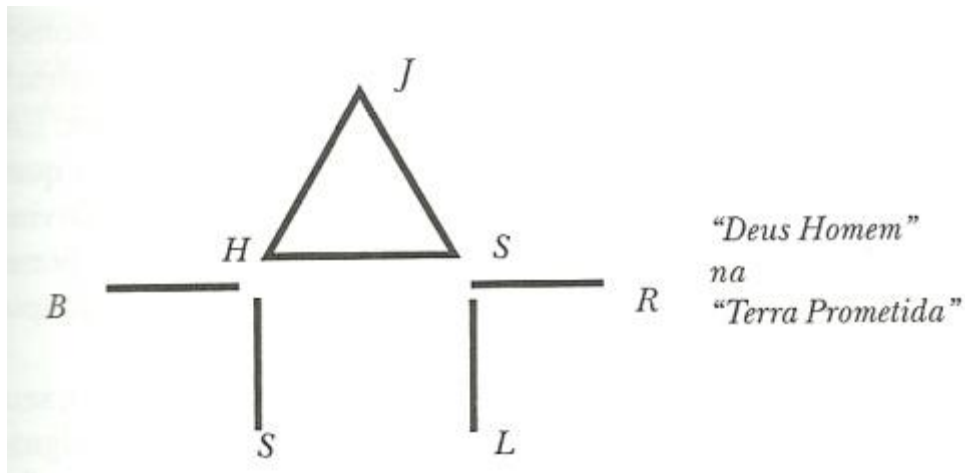
É assim que BRSL se funde cabalisticamente em JHS, sigla avatárica ou messiânica expressiva de “Deus feito Homem” (enquanto HJS = “Homem feito Deus”), cabível a todo o verdadeiro Iluminado, e neste particular, “Deus feito Carne, Terra” (BRSL), expressando a *Jerusalém Celeste* do Apocalipse descida, manifestada na venturosa Terra Edénica assim firmada *Nova Jerusalém*, antes, NOVA LUSITÂNIA (do latim *Lux-Citânia*, “Lugar da Luz”).

Como curiosidade cabalística alfabética-musical, ainda respeitante a JHS e BRSL, pode considerar-se as notas musicais relacionadas às letras do alfabeto da seguinte forma:

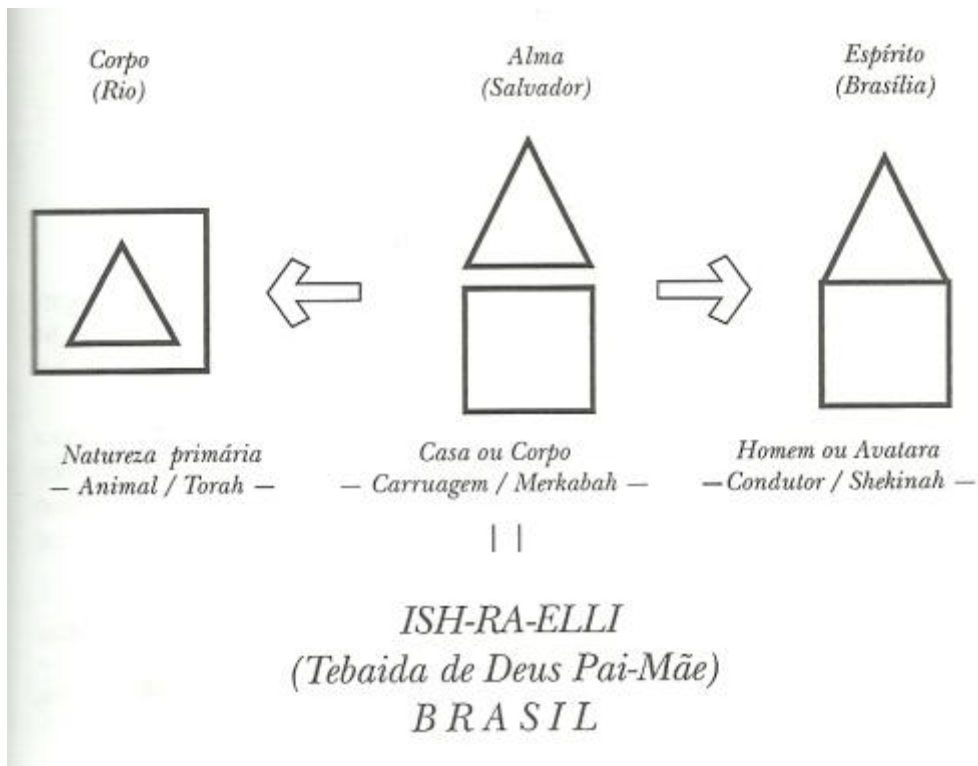
DÓ	RÉ	MI	FÁ	SOL	LÁ	SI
A	B	C	D	E	F	G
H	I	J	K	L	M	N
O	P	Q	R	S	T	U
V	W	X	Y	Z		

De maneira que as iniciais HJS formam Dó-Mi-Sol, a Tríade Perfeita de Dó Maior, ou, ainda, nota a púrpura de JÚPITER ou JEHOVAH, o “Primeiro, Pai, Brahma”.

As iniciais BRSL formam Ré-Fá-Sol-Sol, o Quaternário Compasso de Ré Maior, e também a cor laranja dourada do SOL, a “Luz Universal de Deus Pai”.



Isso, expressando o Homem Universal manifestado na Taba Brasília, leva a três outras composições a partir dessa mesma:

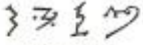


Chegado a este ponto, não posso deixar de lembrar as palavras de um Adepto Vivo, DJWAL KHUL MAVALANKAR, acerca do mesmo *Brasil Jina* e suas relações com a Grande Loja Branca de Shamballah-Agharta, referente à Fraternidade da «cidade perdida» ou «oculta» de *Ibez* que Percy Fawcett, nos anos 20 do século XX, procurou avidamente nas florestas da Amazônia e de Mato Grosso, aqui particularmente na cordilheira do Roncador (*Matatu-Araracanga*, a “cabeceira das araras vermelhas”), até que desapareceu misteriosamente junto com o seu filho Jack Fawcett nas entranhas túbias matogrossenses:

«O primeiro Posto avançado da Fraternidade de Shamballah foi o original Templo de Ibez e estava localizado no centro da América do Sul, e um de seus Ramos, num período muito posterior, seria encontrado nas antigas instituições Maias e na adoração básica do Sol como a fonte de vida nos corações de todos os homens. Não poderíamos deixar de registrar aqui o facto de que a palavra *Ibez* é literalmente um acróstico ocultando o verdadeiro nome do Logos Planetário da Terra. Estas quatro letras são as primeiras letras dos nomes reais dos quatro Avatares nos quatro Globos da nossa Cadeia Terrestre que incorporaram os quatro Princípios Divinos. As letras I B E Z não são as verdadeiras letras Senzar, se é que uma tal expressão inadequada pode ser usada a respeito da linguagem ideográfica, mas são simplesmente uma expressão europeizada.»⁵

Essa IBEZ que o coronel Percy Fawcett localizou no Roncador (MT), será a Cidade Jina de ARAKUNDA (“Altar Iluminado”), contudo, o vocábulo designará sobretudo Princípios Universais assessorados por Consciências Cósmicas reflectidas em CRUZIAT, o “Cruzeiro Sidéreo”.




 i ē ē z̄
 Isin (Yod, י)
 Baal (He, ה) = JEHOVAH ou TETRAGRAMATON
 En (Vau, ו) "Expressão Ideoplástica do Homem Cósmico"
 Zir (Heth, ח)

O sidéreo *Cruzeiro do Sul*, o *Aracuruçá* ou simplesmente *Curuça* dos Tupis, símbolo nacional do Brasil, é ele mesmo o *Tetragramaton* simbolizado na *Rosa+Cruz* assim expressando o Segundo Logos, o Cristo Cósmico ou, em termos bem brasílicos, CRISTO REDENTOR.

Com toda a propriedade o *Hino Nacional do Brasil* não podia deixar de evocá-lo:

Brasil, um sonho intenso, um Raio vívido

De Amor e de Esperança à Terra desce,

Se em teu formoso céu, risonho e límpido,

A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria Natureza,

És belo, és forte, impávido colosso,

E o teu Futuro espelha essa Grandeza.

Tamanha *Grandeza* é sobretudo a que realçará a Terra da Vera Cruz como bojo de todas as demandas na fundação universal do V IMPÉRIO, para onde desde 1500, com a fundação do BRASIL IBERO-AMERÍNDIO, se dirigem todas as esperanças numa derradeira oração de amor. Terra Virgem, até no signo, faz-se palco final da Suprema Iniciação da Humanidade, graças à constante irradiação para aí do GRANDE OCIDENTE DA EUROPA, PORTUGAL, ao GRANDE OCIDENTE DO MUNDO, BRASIL. A este Caminho da Iniciação interplanetária ou entre dois continentes, Europa e América, indo influir nos restantes, Almada Negreiros chamou SW -

CAMINHO SUDOESTE, ou seja, desde Sagres, no Sul de Portugal, até ao Oeste do Planalto Central brasileiro onde se fundaria BRASÍLIA, capital política do Ocidente do Mundo. E Fernando Pessoa, amigo daquele, olhando os Mistérios do Sudoeste e do Cruzeiro, o “Sul Sidéreo”, teve o seguinte encómio revelador na sua *A Mensagem*, poema *Horizonte*, na Parte II *Possessio Maris*, prova cabal de que não era alheio às origens da Brasilidade muito anteriores a Cabral e ao derradeiro destino avatárico da brasílica Terra:

Ó mar anterior a nós, teus medos

Tinham coral e praias e arvoredos.

Desvendadas a noite e a cerração,

As tormentas passadas e o mysterio,

Abria em flor o Longe, e o Sul siderio

‘Splendia sobre as naus da iniciação.

*

Linha severa da longínqua costa -

Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta

Em árvores onde o Longe nada tinha;

Mais perto abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,

Onde era só, de longe, a abstracta linha.

*

O sonho é ver as formas invisíveis

Da distancia imprecisa, e, com sensíveis

Movimentos da esp’rança e da vontade,

Buscar na linha fria do horizonte

A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -

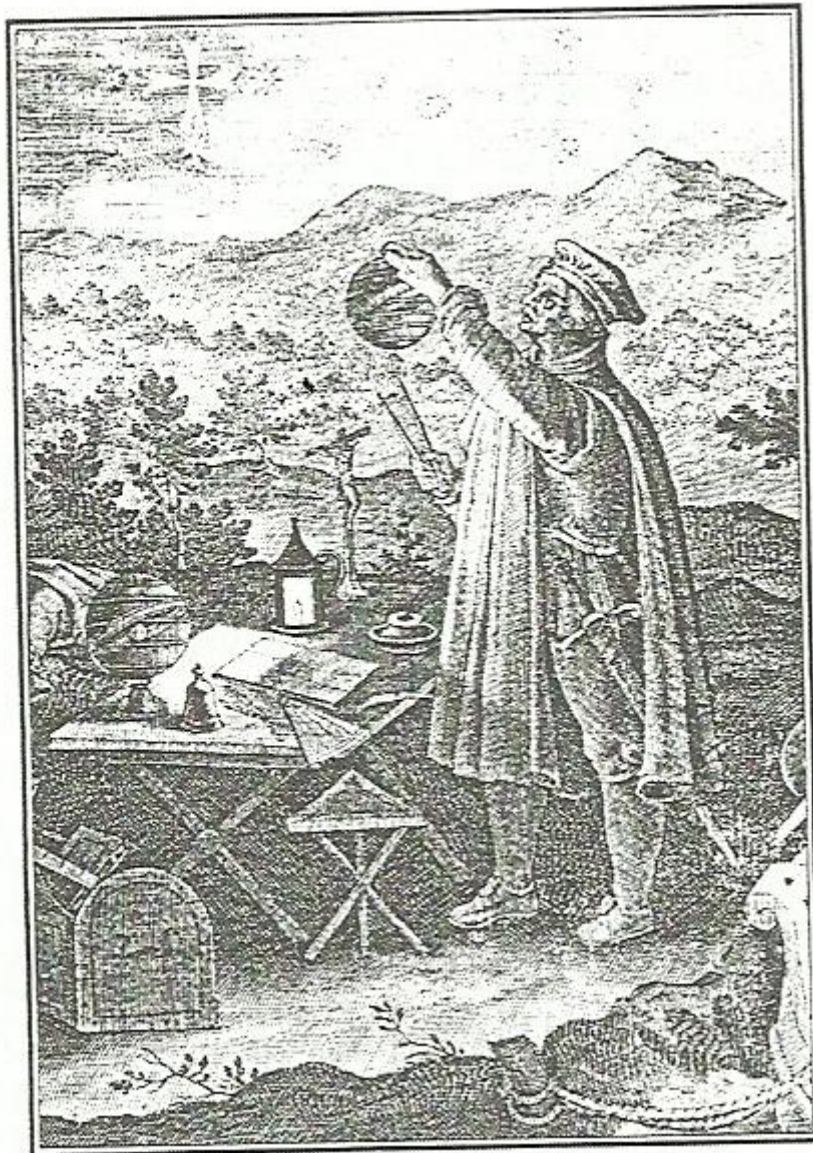
Os beijos merecidos da Verdade.



Esta constelação austral, situada na Via Láctea, está entre as constelações de Musca e Centauro. As estrelas do Cruzeiro do Sul já eram conhecidas dos antigos, pois figuravam no catálogo de Ptolomeu, no século II, incluídas como parte da constelação do Centauro.⁶ Há vinte séculos todas elas eram visíveis até ao paralelo 38 graus norte, numa altura de 7 e 13 graus acima do horizonte de Alexandria, durante a sua passagem pelo meridiano. Na época actual, em virtude da precessão dos equinócios, a constelação só pode ser vista até ao paralelo 27 graus norte, uns 3 graus e meio além do Trópico de Câncer. Os navegadores portugueses, no século XVI, desligaram-na do Centauro, formando um novo asterismo. A sua designação tornou-se universal. À vista desarmada, o Cruzeiro compõe-se de cinco estrelas, quatro das quais dispostas em cruz e uma, a *Épsilon Crucis*, conhecida como *Intrometida*, que está situada sob o braço menor.



É preciso notar, entretanto, que o conhecimento das estrelas que compõem o Cruzeiro do Sul é ancestral e encontra-se em diversas obras clássicas e religiosas, como no *Ramayana* dos hindus e no *Almagesto* (onde estão indicadas as posições das estrelas principais)⁷, pelo que era do domínio dos navegadores proto-históricos, nomeadamente os Fenícios.



O Cruzeiro do Sul como objecto de estudo astronómico para a navegação sudoeste dos Portugueses. Gravura dos finais do século XVI, representando Abraão Zacuto

Mais tarde o preclaro membro da *Ordem dos Trovadores e Jograis*, Dante Alighiere, depositário dos conhecimentos da Ordem do Templo de quem foi o último cronista, na sua *Divina Comédia* também faz diversas referências ao Cruzeiro do Sul⁸. Por exemplo, quando ele chega à praia do Purgatório dirige o seu olhar para o Pólo Sul e contempla as quatro estrelas «nunca vistas senão pela primeira gente», ou seja, a gente do Brasil Fenício⁹:

Io mi Volsi a man e posi mente

Allátro polo, e vidi quattro stelle

Non viste mai fuor che alla prima gente.

(Divina Comédia, Purg., l, 22-24)

Logo em seguida o vate italiano faz alusões à Ursa Maior (*il Carro*), que deixará de ser visível:

Comío dal loro esguardo fui partito,

Un poco me volgendo allátro polo,

Là onde il Carro già era aparito;

Vidi presso di me un veglio solo,

Degno di tanta reverenza in vista,

Che più non dee a padre alcun figliuolo.”

(*Divina Comédia, Purg.*, I, 28)

Parece mais que evidente que as *quatro estrelas* estejam associadas à constelação austral bem conhecida. De facto, a alusão à constelação polar sul de quatro estrelas, que começava a ser vista quando o outro Pólo desaparecia e ao mesmo tempo se punha o *Carro*, a constelação da Ursa Maior, que serviu como marco referencial para os navegadores, parece confirmar a ilação de que Dante se referia às estrelas do Cruzeiro do Sul.

Também Camões, apesar de não ter empregado o vocábulo *Cruz*, não deixa de fazer alusões à “Estrela nova” nas *Elegias* e à “nova estrela” em *Os Lusíadas*. O astrónomo português Luciano Pereira da Silva (1864-1926) afirma, de forma categórica, que o poeta está se referindo à constelação do Cruzeiro do Sul¹⁰.

Depois de descrever o temporal que surpreendeu a nau *São Bento*, logo após cruzar o Cabo da Boa Esperança em direcção à Índia, em 22 de Novembro de 1497, Camões apresenta o novo hemisfério:

Porque, chegando ao Cabo da Esperança,

Começo da saudade que renova,

Lembrando a longa e áspera mudança;

Debaixo estando já da Estrela nova

Que no novo hemisfério resplandece (...).

(*Elegias* IV, 109-120)

Trata-se, na realidade, de um asterismo do hemisfério sul, pois, como diz no canto V, 14, a “gente ignorante”, com dúvida de sua existência, *por alguns tempos esteve incerta* dela por habitarem as latitudes nortes, onde é impossível contemplá-la:

Já descoberto tínhamos diante,

Lá no novo hemisfério nova estrela,

Não vista de outra gente, que, ignorante,

Alguns tempos esteve incerta dela.

*

Vimos a parte menos rutilante

E, por falta de estrelas, menos bela

Do Pólo fixo, onde inda se não sabe

Que outra terra comece ou mar acabe.

(*Os Lusíadas*, V, 14)

Nessa estância, a expressão camoniana “não vista de outra gente” é uma reminiscência do “non viste mai fuor che alla prima gente”, de Dante. Que ele conhecia a literatura italiana, como estudioso dos clássicos durante a sua formação académica na Universidade de Coimbra, disso não há dúvida alguma. Inclusive em suas *Rimas* existem elementos evidentes da influência do poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374). E tudo parece indicar que Camões se inspirou na *Divina Comédia* para descrever o céu ptolomaico de *Os Lusíadas*¹¹.

Todavia, o primeiro que menciona as estrelas do Cruzeiro do Sul pelo seu nome actual é a *Carta* a D. Manuel I de Mestre João, que acompanhou Pedro Álvares Cabral na empresa do «achamento» da Terra de Vera Cruz. De facto, Mestre João - que fora o médico e astrólogo de D. Manuel I - foi o primeiro a descrever e a precisar, por meio de instrumentos, onde realmente se situava o Brasil, conforme a sua carta de 28.04.1500, que só seria descoberta, no meio da papelada imensa da Torre do Tombo, Lisboa, em 1843 pelo historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagem. Segundo Sousa Viterbo¹², este Mestre João era Joham Farás, bacharel em artes e medicinas, cirurgião e astrólogo particular de D. Manuel I. Segundo o mesmo autor, esse Joham Farás era um cristão-novo natural da Galiza que se fixou em Portugal por volta de 1485, tendo sido o tradutor do livro *De Situ Orbis*, escrito em latim clássico no século I d.C. pelo geógrafo romano Pompónio Mella.

O mapa de Mestre João foi estudado por diversos historiadores, nomeadamente pelo professor Luís de Albuquerque no *Livro de Marinharia de André Pires*, s/d, pp. 96-97, e o trecho da carta do mesmo Mestre referente ao Cruzeiro do Sul, é o seguinte: «... e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quase como as do Carro; e a estrela do Pólo Antártico, ou Sul, é pequena como a do Norte e muito clara, e a estrela que está em cima de toda a cruz é muito pequena». O Padre António Vieira, nos seus escritos onde faz referências astronómicas, usa a mesma designação de *Cruz* para esta constelação e aplica inalterável a mesma descrição de Mestre João.

Mas é no *Tratado da agulha de marear*, de João de Lisboa (1514), nos trabalhos de André Corsali (1515), nos de Pigafetta, companheiro de Fernando de Magalhães, e de Sebastian Del Cano (1520), que elas se acham indicadas como formando uma constelação particular e com o nome de Cruzeiro do Sul¹³.



***Manuscrito de Mestre João, astrónomo da armada de Pedro Álvares Cabral,
em que descreve o grupo de estrelas do Cruzeiro do Sul***

Pelo dado a observar, concluiu-se que a constelação do Cruzeiro era conhecida desde a Antiguidade proto-histórica e clássica. Os antigos Iniciados afiliados aos Colégios Tradicionais das suas épocas, chegaram mesmo a correlacionar esta constelação ao centro sideral do *Segundo Logos* projectado na Terra como Hipóstase *Amor-Sabedoria*, designando com Mãe Divina carregando em seu seio estelar ao Divino Filho, o que vai muito bem com a condição de *Andrógino Primordial* do Segundo Trono, Mundo Celeste ou Intermediário entre o Divino e o Terreno.

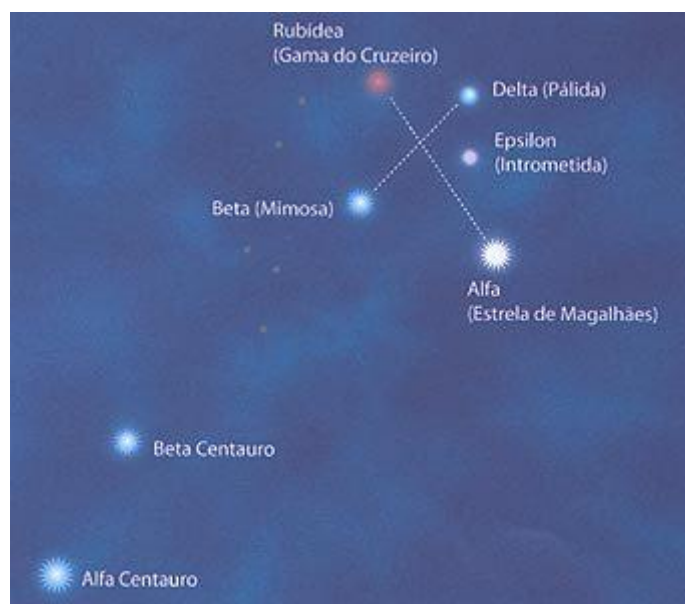
Os Mistérios Celestes do Segundo Trono apontados pelo Cruzeiro do Sul, nos inícios dos anos 50 do século passado foram motivo de análise pelo eminente Teósofo Eng.º António Castaño Ferreira, familiar e Coluna Viva do Professor Henrique José de Souza, quando diz na sua Aula n.º 59 para a antiga *Série D* da então *Sociedade Teosófica Brasileira*:

«Agora a Terra é física. A Vida nos vem, como sabemos, desse Plano imediatamente superior ao nosso e mais subtil a que denominamos de *Mundo Astral*, o Mundo dos Astros. O Sol e as Estrelas fazem parte desse Mundo no aspecto mais ligado à matéria física. São grandes condensações de Energia Vital, por isso podem ser percebidas pelo próprio olhar físico do Homem, como acontece no escuro quando temos um objecto fortemente magnético; a imantação por elas emitida pode ser percebida pelos olhos físicos, e que se chama *fluidos ódicos*. É a matéria subtil, energia esta que, condensada em certos objectos, pode ser emitida com tal intensidade que pode ser percebida num ambiente onde não haja uma luz física.

«Assim, esses Centros Cósmicos são Centros de Energia tão condensados ou tão activos que, na escuridão desse *ambiente akáshico* que envolve a Terra, como envolve qualquer Mundo físico, pode tornar-se perceptível aos nossos sentidos físicos. Então, neste Mundo ou neste Plano Cósmico mais subtil que a Terra, que é o Mundo das grandes energias activas, nós temos

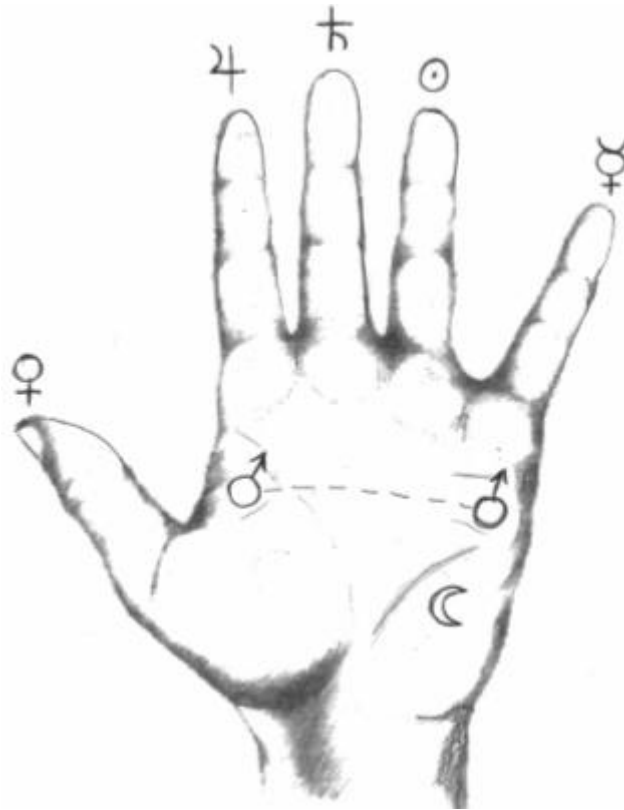
os “Centros” que os astrónomos chamam de Sóis e Estrelas de um modo genérico, o que para o ocultista é visto de um modo inteiramente diferente: são *Centros de Irradiação de Vida*.

«Entre esses Centros de Irradiação no nosso céu, o CRUZEIRO DO SUL tem um papel extraordinário, porque é dele que emanam ou fluem as 5 correntes de Vida, as 5 manifestações do Hálito Universal Criador que se infunde na Terra e a que nós chamamos de FORÇAS SUBTIS DA NATUREZA.



«Portanto, os TATWAS, que os ocultistas estudam e dos quais dificilmente podem conhecer a natureza essencial, estão relacionados com a Constelação de ZIAT, que na linguagem aghartina significa: “Aquilo que constrói e Aquilo que destrói”. Aquilo que transforma e sustém, Aquilo que é a Vida, o Movimento, a Energia em todos os seus aspectos. Essas Forças vão se manifestando de Ciclo em Ciclo. Actualmente elas são cinco. Cada uma delas corresponde a um dos elementos chamados *Terra, Água, Fogo, Ar e Éter*, na linguagem dos símbolos. São expressões do que nós chamamos, respectivamente, de *Pritivi, Apas, Tejas, Vayu* e, finalmente, *Akasha*. A origem é a Matéria Primordial, a Energia Primordial que se diferencia, posteriormente, noutras 4 Forças interiores que delas decorrem, ou delas se originam.

«Por isso nós falamos, na linguagem oculta, que o AKASHA é realmente a fonte de todas as energias. É a *Energia Mater* que se diferencia nas outras 4, que têm o nome simbólico de *elementos*. É a razão pela qual o Homem, na fase actual, pôde desenvolver os cinco dedos, porque cada um deles corresponde a uma Energia Cósmica, sendo que o *polegar* corresponde ao *Akasha* que é o *Tatwa* móvel, o centro, portanto, donde se manifestam os outros *Tatwas*. Por esta razão é que o polegar se opõe a cada um dos outros dedos, dando ao Homem a capacidade de criar com as mãos tudo o que encontra ao seu alcance. Através das Civilizações a Actividade Criadora do Homem foi sempre fornecida pelo Poder do *Akasha*, ligado aos outros *Tatwas* que fluem, também, como magnetismo diferenciado pelas pontas dos dedos dos homens, e então podem transferir essas energias e excitá-las naqueles em quem elas se encontram em deficiência.



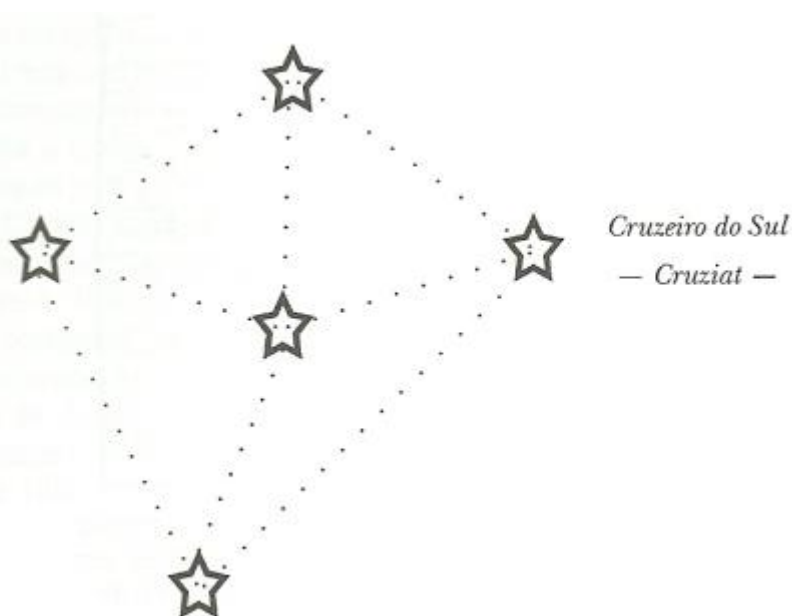
Gravura feita por Nilton Schultz

«A Constelação do CRUZEIRO DO SUL é o Centro donde emana essa Energia, que para o clarividente se apresenta com a forma simbólica de uma grande *Pirâmide*. Foi baseado nesse conhecimento, que só a vista espiritual alcança, que os antigos egípcios ergueram as suas pirâmides, bem com os povos pré-colombianos do Novo Mundo para expressar a formação quádrupla do nosso Universo, ou a expressão dessas cinco Energias fundamentais do Cosmos. O Vértice da Pirâmide está voltado para a estrela central, que se encontra num plano mais afastado dos outros 4 Centros Cósmicos que formam o *Cruzeiro*, constelação que todos nós estamos acostumados a ver. A sua projecção parece uma *Cruz*, com uma estrela menor no centro. Estou falando dela em linguagem teosófica, na sua realidade, e não como ela possa ser encarada sob o ponto de vista meramente profano, como acontece com a Astronomia ou a Astrofísica, que não nos interessa de momento.

«De futuro, será justamente em harmonia com este local, com este Centro Cósmico onde se encontram essas cinco Rodas que giram, emitindo todas as energias vitais que sustentam e alentam a Vida, que nós deveremos provocar o grande milagre da Transformação Superior, isto é, pondo em actividade as energias que estão latentes em nós para que desperte a Consciência Superior de cada um. Está baseado nesse princípio o *Yoga* chamado *Universal*. Esses cinco Hábitos vibram em SHAMBALLAH.»

Na continuação na abordagem ao estrelado mor do céu do Brasil, agora nas suas correlações esotéricas, logo menos conhecidas do leitorado geral, respigo alguns excertos de texto precioso de um outro distinto Teósofo brasileiro nascido em Portugal, sr. Alberto Pinto Gouveia, que o terá lido em Sintra em 19.12.1972 por ocasião da inauguração do SANTUÁRIO DE ALLAMIRAH, “Os Olhos do Céu” reflectidos no CRUZEIRO. Diz:

«Mais atrás abordei umas outras correlações esotéricas a ver com o Seio da Terra brasileira e o *Tetragramaton* (Yod - He - Vau - Heth) que, disposto em *Cruzeiro*, constitui o maravilhoso símbolo da Vida Integral, da Evolução global, do *Pramantha*, em suma. O mesmo símbolo que se expressa na majestosa constelação do *Cruzeiro do Sul* em sua expressão tetrárquica e pentárquica, pois que sendo planimetricamente quadrangular é, em projecção, piramidal. Isso graças às suas cinco estrelas principais, visto que, além das quatro dispostas em quadrilátero e que representam os quatro palos do cruzeiro, tem outro ao centro, a qual assinala o vértice da pirâmide de base quadrangular.



«A constelação de *Cruziat* ou *Ziat*, como expressão física do *Tetragramaton*, simboliza o Segundo Trono, o Aspecto Amor-Sabedoria de Deus. Como expressão pentárquica distribui-se por cinco centros ou estrelas, dos quais os exteriores formam um quaternário, os quatro “Sóis Venusianos” da Tradição Iniciática, ou os quatro *Maharajas*. Neles se contém e se agita todo o Passado evolutivo. O quinto centro, simultaneamente meio do quadrilátero e vértice da pirâmide, é de valor ternário (por reter os chamados “Sóis Mercurianos”) e nele se contém todo o potencial evolutivo Futuro. É o *sémen* ou *semine* onde se concentra e consubstancia o *spes messis*, dessa messe que está feita e cujo fruto, sendo alimento e vida, é também e infundavelmente o *sémen* de novas e vindouras messes.

«Esses cinco pontos ou centros estelares, se, por um lado se espraíam em sete quando se dá valor ternário ao quinto, por outro lado, podem comprimir-se num ternário, como emanção directa do Primeiro Trono, formando assim as 3 Chamas Divinas no Céu expressas no grafismo da letra *Schin*, e as quais são representadas no candelabro de 3 Lumes Sagrados colocados nos altares dos Templos da Terra.

«Considera-se tradicionalmente que são desses cinco pontos ou centros estelares do Segundo Trono que emanam os “Hálitos Vivificadores”, as cinco qualidades subtis da Matéria: Éter - Ar - Fogo - Água - Terra.

«Sendo que o *Tetragramaton* é simbólico da Manifestação Divina em curso, as quatro letras hebraicas que o polarizam de que venho falando, significam afinal os modos por que se opera essa Manifestação. E assim o *Yod* indica a Luz, o *He* indica a Cor, o *Vau* indica o Som e o *Heth*

indica a Forma. A Divindade polariza-se em luz e torna-se sensível e experimental cromática, sonora e morfológicamente.

«E em meio a toda essa empolgante e assombrosa dinâmica o símbolo esplendoroso do Supremo Equilíbrio: a *Taça do Santo Graal!*»

Finalmente, como desfecho e homenagem sincera e comovida ao símbolo sidério nacional do Brasil, CRUZIAT, o mesmo SADHA KAPTA hindustânico, em jeito de desfecho apoteótico e por seu grande significado e beleza, transcrevo do Professor Henrique José de Souza a letra do seu Hino *SANTUÁRIO DO BRASIL (PREFIXO DO CRUZEIRO DO SUL)*:

Um jacto de luz,

Projectado do Céu,

A Terra vem beijar, feliz,

Terra de Santa Cruz bem diz,

Nós te saudamos assim, Brasil!

Desenhando num Céu de anil

O teu símbolo: Cruzeiro do Sul.

*

Glória à nossa Obra

Santuário do Brasil

Símbolo de Paz e de Justiça

Esplendendo num Céu,

Num Céu de anil...

*

Na rutilância das estrelas

Num bailado o mais grácil,

Sol Eterno de Esperança,

Onde a vista mais alcança...

*

Esplendendo num Céu,

Num Céu de anil...

NOTAS

- 1) Pedro Paulo Funari, em artigo publicado na *Folha de São Paulo* de 28 de Abril de 1997.
- 2) Felipe Cocuzza, *A Mística da Amazônia*. Zohar Editora, São Paulo, 1992.
- 3) Moysés Jakubovicz, *O Brasil e a História do Futuro*. Revista “Aquarius”, ano 7, n.º 24, 1981, Rio de Janeiro.
- 4) Batalha Gouveia, *A Origem dos Nomes - Brasil*. Jornal do Incrível, n.º 242 de 3 de Julho de 1984, Lisboa.
- 5) Alice Ann Bailey, *Um Tratado sobre Magia Branca*. Fundação Educacional e Editorial Universalista, Porto Alegre, 1951.
- 6) Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, *A Astronomia em Camões*. Lacerda Editores, Rio de Janeiro, 1998.
- 7) Luís de Albuquerque, *As Navegações e a sua Projecção na Ciência e na Cultura*. Editorial Gradiva, Lisboa, 1987.
- 8) Dante, *Oeuvres complètes*. Bibliothèque de La Pléiade, Éditions Gallimard, Paris, 1965.
- 9) Moisés Espírito Santo, *A Lenda Brasil*. In *Dicionário Fenício-Português contendo os glossários das línguas e dialectos falados pelos Fenícios e Cartagineses: Cananita, Acadiano, Assírio e Hebraico bíblico*. Edição do Instituto de Sociologia e Religiões da Universidade Nova de Lisboa, 1999, Lisboa.
- 10) Luciano Pereira da Silva, *Astronomia dos Lusíadas*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1915.
- 11) Cláudio Ptolomeu, *Las Hipótesis de los Planetas*. Alianza Editorial, Madrid, 1987.
- 12) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, 2 volumes. Lisboa, 1898.
- 13) Emmanuel Poulle, *Les conditions de la navigation astronomique au XV siècle*. Coimbra, 1969.